

ALTERNATIVAS PARA ALFABETIZAR JOVENS E ADULTOS

Daiany Gomes Silva Nascimento
Ilza dos Santos Ferreira

RESUMO

A educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da educação básica do país. Essa modalidade é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade aos seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao ensino fundamental ou médio na idade apropriada. Partindo do pressuposto, este trabalho apresenta como objetivo analisar as possíveis alternativas e suas contribuições na alfabetização de jovens e adultos, considerando os princípios e as abordagens relevantes à aprendizagem na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Para tanto, o artigo pauta-se em uma análise bibliográfica, com consultas em livros, textos e publicações periódicas de autores renomados. A pesquisa foi possível devido também à experiência na oficina pedagógica do Curso de Pedagogia, realizada em 2011, na qual pode ser evidenciado que as alternativas metodológicas para alfabetizar devem ser diversificadas e favorecer novas práticas que contribuam para o envolvimento, a participação e a ampliação de conhecimentos dos alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa as alternativas para alfabetizar jovens e adultos de forma clara, prática e objetiva com afimco de obter uma qualificação no processo de ensino e aprendizagem com resultados, utilizando conhecimento que o aluno obtém no seu cotidiano social e cultural favorecendo a aprendizagem a aqueles que não tiveram o acesso à continuidade aos estudos em idade própria.

Desta forma acreditamos que a educação como um todo proporciona o resgate da cidadania que é negada a muitos que estão à margem da sociedade é tida como fruto de um processo de maturidade e conscientização do indivíduo. Contudo, um processo lento que exige dos profissionais de educação compromisso e seriedade no desempenho de seu trabalho.

Este trabalho se justifica a partir da necessidade de orientar as alternativas que o educador pode ter para um melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem. O entendimento da necessidade de diferenciação das turmas faz-se necessário, uma vez que os jovens e adultos têm uma realidade cultural e um nível de subjetividade bastante diferente em relação às crianças, sendo necessária, então, a adequação das alternativas empregadas para alfabetizar esta clientela.

Como futuras pedagogas, temos o dever de buscar conhecimentos que nos conduzam frente à realidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diante disso, propomos investigar o caminho pelo qual o educador percorre para que as suas alternativas de ensino alcancem resultados significativos no ensino de Jovens e Adultos, ressaltando que é de extrema importância para o educador levar em consideração o conhecimento trazido pelo educando em sua vivência social e cultural.

Dentre as habilidades que precisam ser desenvolvidas pelos educadores, podemos elencar como uma das mais relevantes e difíceis, a de identificar as necessidades de cada aluno e atuar com todos ao mesmo tempo. De fato, se entendermos o que cada aluno já sabe e soubermos escolher as melhores opções didáticas para cada um deles, teremos percorrido um longo caminho em nossa profissionalização. Se, além disso, soubermos atuar com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil enquanto professor (a) alfabetizador (a).

A pesquisa nasceu da experiência no Estágio das Disciplinas Pedagógicas, desenvolvido na Faculdade São Luís de França de 21 à 25 de novembro no ano de 2011. Para tanto, este trabalho pauta-se na análise bibliográfica associada à prática vivenciada durante o estágio com finalidade de proporcionar aos estudantes de Pedagogia uma gama de compreensão sobre a EJA e as metodologias desenvolvidas na alfabetização de Jovens e Adultos.

Diante das abordagens, o trabalho tem como objetivo possibilitar o aprendizado de novas metodologias pedagógicas no processo de Alfabetização e refletir sobre os desafios do processo ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.

O desenvolvimento do trabalho está organizado com os seguintes tópicos: Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos, que trata de como é organizada e a finalidade da educação para jovens e adultos. Em seguida enfatizamos as Alternativas para Alfabetizar Jovens e Adultos, com vistas a melhor construção de conhecimentos com aulas dinâmicas e participativas.

2 EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica que se propõe a atender um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência, seja pela falta de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino, ou pelas suas condições socioeconômicas desfavoráveis.

Conforme Loyola (2008) a educação de jovens e adultos está direcionada àqueles que não tiveram oportunidade de estudar na idade apropriada, por motivos variados: o abandono da escola, por causa do trabalho, ou a ausência de escola na região onde moram, propondo a procura por instituições para completar os estudos em EJA – Educação de Jovens e Adultos. Diante disso, a EJA é voltada para as características e especificidades dos sujeitos aos quais ela se destina.

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias, favelas e vilas. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais,

comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem a marcada exclusão social, mas são sujeitos do tempo presente e do tempo futuro, formados pelas memórias que os constituem enquanto seres temporais. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas. Jovens e adultos que quando retornam à escola o fazem guiados pelo desejo de melhorar de vida ou por exigências ligadas ao mundo do trabalho. São sujeitos de direitos, trabalhadores que participam concretamente da garantia de sobrevivência do grupo familiar ao qual pertencem (LOYOLA, 2008, p. 2).

Quando se refere à educação, pode-se ressaltar um leque de dificuldades enfrentadas no ensino de jovens e adultos, os quais necessitam de melhores condições de vida e, para tanto, buscam novas oportunidades no mercado de trabalho para uma vida social melhor e mais significativa. O atual momento histórico é marcado pela necessidade corrente de acompanhar o desenvolvimento do mercado de trabalho, aquele que não se prepara estará fora e conseqüentemente desempregado. Infelizmente no Brasil, vários são os fatores que afastam a criança da escola e é na idade adulta que esta consegue uma oportunidade de conseguir melhorar sua condição de vida, sendo a educação via para exercer o direito pleno à cidadania.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem passado por profundas modificações ao longo dos tempos, dentre elas, a crescente juvenilização de seu alunado, sinalizando para a necessidade de novas formas de atuação metodológica e de conteúdos com base em necessidades formativas. A inserção do jovem nesta modalidade de ensino tem se configurado como um fator desafiador para uma nova forma de fazer a EJA. Conforme destaca Ribeiro (2001, p.5).

Um elemento que vem complicar a construção de uma identidade pedagógica do ensino e de sua adequação as características específicas da população a que destina é o processo notado em todas as regiões do país, assim como em outros países da América Latina, de juvenilização da clientela.

A Educação de Jovens e Adultos possui muitas especificidades e requer um quadro de profissionais preparados para atuar de forma integral aos interesses expostos no próprio modelo pedagógico. Este último pressupõe, além da inclusão de uma parcela das camadas populares a um direito fundamental – a educação, o preparo no interior do processo educacional para a participação na vida pública e acesso aos bens socioculturais a que todo cidadão, de fato, tem direito.

Conforme Pereira (2005, p.4)

Para que se considere a EJA como uma modalidade educativa inscrita no campo do direito, faz-se necessário superar uma concepção dita compensatória, cujos principais fundamentos são a de recuperação de um tempo de escolaridade perdido no passado e também a ideia de que o tempo apropriado para o aprendizado é a infância e a adolescência. Nesta perspectiva, é preciso buscar uma concepção mais ampla das dimensões tempo/espaço de aprendizagem, na qual educadores e educandos estabeleçam uma relação mais dinâmica com o entorno social e com as suas principais questões, considerando que a juventude e a vida adulta são também tempos de aprendizagens.

A percepção do aluno jovem e adulto como sujeito de sua aprendizagem, problematizando a realidade na qual se inseria, deu origem a uma proposta de alfabetização conscientizadora. Atualmente sabemos que o desafio dos profissionais que atuam nessa área está relacionado a oportunizar a esses alunos o acesso à cultura letrada que lhes possibilite participar ativamente da esfera política, cultural e do trabalho. Isso implica necessariamente a revisão do papel da escola, do professor, nas novas concepções de ensino e aprendizagem, dos conteúdos a serem abordados nesses processos.

As necessidades dos jovens e adultos no processo de alfabetização coincidem em muitos aspectos, havendo variações segundo a idade, o espaço onde vivem, o gênero, a ocupação, as formas de mobilidade. No grupo das pessoas mais velhas, com mais de 50 anos, por exemplo, a vontade de aprender a ler parece mais localizada nas condições concretas de suas existências. Nessa coletividade, existe a crença de que as suas vidas já estão traçadas e que, por isso, não há mais necessidade de prosseguirem os estudos. Elas pretendem parar de frequentar a escola tão logo adquiram a habilidade de "ler e escrever um pouco".

Os mais jovens, diferentemente, talvez por vivenciarem outras condições de vida e lerem a realidade através de lentes mais generosas, possuem outros estados intencionais. Afirmam ter interesse em continuar os estudos e aprender coisas novas

como informática, matemática, arte ou uma profissão definida; têm interesse, inclusive, de, ao concluir a alfabetização, prosseguir o ensino fundamental e médio e até fazer um curso superior.

Neste sentido, a alfabetização para esta clientela deve considerar a realidade, o perfil e as práticas sociais vivenciadas por jovens e adultos. Isto significa o desenvolvimento de propostas pedagógicas pautadas nos princípios e conceitos de alfabetização e letramento.

Para Soares (2001), no contexto atual tornou-se necessário distinguir a alfabetização de letramento. Segundo a autora a alfabetização ocorre quando adquirimos a capacidade de codificar e decodificar o código escrito de uma sociedade, letramento seria condição e capacidade que o indivíduo tem de fazer uso desses códigos, nas palavras da autora letramento “é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita e leitura e suas práticas sociais” (p.31). Portanto, entendemos que muitos chegam à sala de aula já alfabetizados, porém não letrados, e o professor com sua experiência organiza a melhor forma de utilizar o conhecimento dos alunos, dando sentido ao letramento.

A autora afirma ainda que o letramento “numa dimensão social é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2001, p.31).

Ela continua e comenta que uma pessoa é tida como alfabetizada apenas quando consegue ler e escrever, por sua vez a pessoa letrada consegue ir mais adiante, além de atender às demandas sociais da leitura e da escrita. Consegue produzir outros tipos de textos (carta, bilhete, redações), partindo de seus próprios conhecimentos.

Desta forma, percebe-se como a avaliação do nível de desenvolvimento de um país, a partir dos parâmetros educacionais, pode ser falha, uma vez que nos países desenvolvidos a real importância é o nível de letramento da população, ou seja, dos usos que elas fazem da escrita e do envolvimento das práticas sociais que se referem à leitura e a escrita, pois como o ensino básico é obrigatório, os alunos com certa idade já conseguem ler e escrever e se envolver na produção de gêneros textuais, já os países que estão em desenvolvimento e que não são desenvolvidos

ainda se mede o grau da alfabetização e não o letramento preocupa-se apenas se o aluno consegue ler e escrever sem analisar o desempenho do aluno na produção dos gêneros textuais e do seu real domínio da leitura e escrita. “O que interessa a esses países é a avaliação do nível de letramento da população, não o índice de alfabetização” (SOARES, 2001, p.22).

Entretanto, para que tenhamos resultados satisfatórios, não basta somente revermos o material didático, é preciso não só o educador repensar o seu papel enquanto mediador de uma aprendizagem que priorize a bagagem de conhecimentos trazidos por seus alunos, mas também a flexibilidade das instituições em permitir a realização de um trabalho diferenciado e investir em material didático e na qualificação dos profissionais dessa área.

O processo de Alfabetização de Jovens e Adultos precisa urgentemente, ser encarado com bastante seriedade, levando em consideração as dificuldades encontradas pelos alunos para uma alfabetização secular. É fundamental a análise da significativa transmissão dos conhecimentos e dos assuntos da atualidade, de forma que todos, jovens e adultos, compreendam e saibam como melhorar sua qualidade de vida trazendo benefícios socioculturais.

3 ALTERNATIVAS PARA ALFABETIZAR JOVENS E ADULTOS

Há tempos se buscam métodos e práticas adequados para o ensino de jovens e adultos, Paulo Freire foi educador que mais norteou os caminhos que nos levam hoje ao ensino formador de cidadãos, demonstrando que o educando são sujeitos ativos no processo de aprendizagem e não meros receptores de conhecimentos alienados. Aprender a ler e escrever envolve reflexão e ação sobre a realidade na qual os sujeitos encontram-se inseridos.

Conforme exposto, essa concepção dialógica de alfabetização torna-se um meio de democratização da cultura. Parafraseando Freire um encontro de consciências, de reflexão, de criação e de transformação da realidade, pois como nos sinaliza, a alfabetização só tem sentido se implicar:

Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação como mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. (FREIRE apud SOARES, 2008, p.119).

Partindo de estudos, percebemos que o professor tornar-se um facilitador onde com habilidades diferentes e práticas alternativas consegue transformar o aluno em um aprendiz confiante e eficaz. Moldando suas aulas o professor consegue chamar atenção de seus alunos para coisas que são vivenciadas em seu cotidiano e que muitas vezes são passadas despercebidas pelo menos por codificarem como uma figura e um símbolo qualquer que para tanto é inutilizável e certamente mal compreendido.

O professor precisa ter fundamentos para apontar práticas que despertem no jovem e no adulto a conscientização, a criatividade e o interesse em querer saber sempre mais. Para isso, é necessário que o material didático utilizado pelo educador seja construído a partir de debates entre ele e os alunos com o objetivo de fazer um levantamento dos conhecimentos dos alunos, até mesmo do vocabulário que faz parte do universo de comunicação do mesmo.

A alfabetização de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar.

O aprendiz é um sujeito que protagoniza o seu processo de aprendizagem. É alguém que vai produzir, pois irá transformar as informações que recebeu em conhecimento próprio. Essa assimilação não se dá por si mesmo e no vazio, mas a partir de situações nas quais ele possa agir sobre as características do objeto, pensar sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas. Para que ocorra a aprendizagem, é preciso um sujeito ativo, que dê sentido as informações que estão disponíveis, buscando recursos suficientes para avançar. O conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do conhecimento que já existe (FERNANDES, 2010, p.18).

Quando alfabetizamos através de rótulos, muitos sabem o que se trata ou qual produto está na embalagem por sua escrita não-verbal, porém quando mostramos somente a escrita verbal, vários alunos mostram dificuldades em saber

exatamente o que é. É aí que nós educadores demonstramos como é essencial a leitura e escrita, deixando os alunos orgulhosos da descoberta da escrita verbal utilizada em nosso dia a dia.

Segundo Alves (2008), inicialmente devemos ponderar que os problemas atuais em relação à alfabetização acontecem, muitas vezes, pela ausência de ensino direto, explícito e sistemático das relações, entre a fala e a escrita na aprendizagem inicial da língua escrita. Para ela é necessário aproveitar os conteúdos vivenciados no dia-a-dia do aluno, tornando isso um dos assuntos trabalhados na sala de aula com a participação primordial no educando.

Daí a importância da disposição das carteiras em círculo, como defendia Paulo Freire. É de sua autoria a denominação “círculo de cultura”, para demonstrar que o conhecimento é relativo e todos temos que aprender e o que ensinar (ALVES, 2008, p.16).

Para que o educador tenha uma ideia de como realizar atividades diferenciadas em sala de aula, listaremos algumas alternativas práticas que ajudarão ao mesmo a ensinar seus alunos de forma dinâmica, trazendo seu cotidiano para sala de aula.

Lista de supermercado. Com esta prática o professor pode trabalhar diversos conteúdos tais como: educação alimentar, leitura de rótulos, valor matemático com o preço e troco, diferenciação entre as letras maiúsculas e minúsculas, letras cursivas e de impressão.

Anúncios de cartazes. Nesta atividade, os professores podem trabalhar erros ortográficos encontrados nos anúncios, as letras encontradas como cursiva e de impressão, a junção das palavras e as famílias silábicas encontradas.

Jogos matemáticos. Ótima opção para ensinar a tão temida matemática, o professor pode trabalhar domínio com subtração e adição, jogos de tabuleiro com diversão operações, jogo da memória com contas, etc.

Jogo da memória com palavras. Neste jogo, o professor enumera de 1 a 20 e coloca as palavras que já foram trabalhadas com os alunos e depois forma seu par com a descrição da palavra, ou seja, o que ela significa.

Podemos citar diversas práticas que funcionam e dão resultados satisfatórios na alfabetização dos jovens adultos e que possibilitam ao professor formas variadas e dinâmicas no auxílio de sua aula.

Almeida (2008) sugere diversas atividades que o educador pode trazer para seu convívio em sala de aula de forma interdisciplinar. As práticas abordam assuntos que são trabalhados com a alfabetização de jovens e adultos, de grande ajuda para o avanço da educação e do desenvolvimento sociocultural.

Como cita Alves (2008), escolher palavras significativas, ou seja, conhecidas dos alfabetizados e ligadas à sua realidade, é um importante passo a se trabalhar na EJA. Com isso percebemos que não é difícil educar alunos na EJA, só é preciso dedicação e muita força de vontade para demonstrar a eles que são capazes. Ao longo do tempo, irão entender que alguns conhecimentos que antes era um bicho de sete cabeças, hoje em dia pode se tornar uma simples tarefa entendida e compreendida por todos.

A autora afirma que para o trabalho pedagógico em EJA, o estímulo à participação coletiva, a relativização do erro e o uso do dicionário para a aprendizagem de dificuldades ortográficas, são essenciais para autoestima e dão sentido ao processo de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de toda dificuldade que o professor encontra para educar jovens e adultos, onde tem que haver um apanhado de conhecimento conciliando habilidades e competências, ensinar jovens e adultos nada mais é que demonstrar a todos algo que já possuem, partindo de um conhecimento vivenciado, no qual só precisa exercitar o que ainda não conhece, mas que tem a capacidade de aprender.

Não basta simplesmente querer ensinar, em um dia, tudo aquilo que o educador viu e se informou durante todo um período de história acadêmica. Os discentes já estão desmotivados e cansados, necessitando de uma motivação maior para querer aprender o que ele realmente utilizará em seu dia a dia, percebendo que é necessário e apropriado em sua vida corriqueira. O jovem e o adulto querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatar a sua autoestima.

Cabe ao professor ser esse facilitador, demonstrar conhecimentos perceptivos por eles de forma diferenciada da educação cotidiana e social. É o

professor que vai abrir portas para um mundo, que até então é desconhecido para o aprendiz.

Com alternativas para alfabetizar jovens e adultos que não tiveram acesso aos estudos em sua idade apropriada, os professores podem modificar essas realidades trazendo ao aluno condição apropriada para seu crescimento social e profissional. Ao ampliar as propostas alfabetizadoras, o educador passa a compreender a forma como os alunos de EJA classificam, argumentam, organizam, registram e transferem o conhecimento da vida externa para a escola.

Considerando esta realidade, o educador conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando no educando interesse e entusiasmo, abrindo-lhes um maior campo para a construção de conhecimentos.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Práticas de alfabetização e letramento**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALVES, Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro. **Educação de jovens e adultos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOYOLA, Geraldo. **Perfil dos alunos de EJA**. 2008. Disponível em: <http://arteemeja.blogspot.com.br/2008>. Acesso em: 04 de maio 2013.

PEREIRA, Cencita Maria. **Educação de jovens e adultos**: uma contribuição à discussão da proposta pedagógica da rede estadual de ensino. 2005. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/983-2.pdf>. Acesso em 05 de maio 2013.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.). Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Caderno CEDES**. Vol.21, nº 55. Campinas. Nov, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema de três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.